



A emocionante história de Eduardo Rodrigues

Gabriel Vicente Pontes (Gab Pontes)

Eduardo Rodrigues

O período de isolamento social está sendo desafiador para a maioria das pessoas, principalmente para quem atravessa esse momento com dificuldades financeiras, familiares e de saúde. Entretanto, muitas situações boas estão acontecendo também, como o hábito de conversar mais com amigos distantes e conhecer outras pessoas através da internet. Esse foi o caso de meu encontro com Edu. Pedi para ele conceder uma entrevista para minha pesquisa de Mestrado sobre o percurso de homens trans e transmasculinos e seus acessos à saúde no Ceará. Ele logo se prontificou, de forma atenciosa e amigável, e a entrevista ocorreu parecendo uma conversa.

Entrevistá-lo foi muito emocionante, pois sua história de vida é um exemplo de força e coragem, devendo ser compartilhada mil vezes para que sirva de inspiração para muitas pessoas, principalmente pessoas trans que vivem situações traumáticas e precisam se reerguer.

Eduardo Rodrigues é um homem trans negro, tem 46 anos, nasceu e reside em Fortaleza – Ceará. Trabalha em uma empresa de transporte público como trocador de ônibus, e é também sindicalista e militante das causas sociais. Casou legalmente em 2015 com sua atual esposa, que trabalha como cuidadora de idosos, e eles estão atravessando juntos essa época de pandemia do covid-19.

A infância de Eduardo foi na década de 1970, onde praticamente ninguém falava sobre transexualidade. Ele conta que desde seus nove anos de idade se sentia “diferente”, pois nunca se identificou com as coisas atribuídas a meninas, como vestidos e brincadeiras de casinha. Oriundo de uma família militar e religiosa, ele lembra que todos eram muito rígidos e conservadores. Seu avô e pai serviram na Aeronáutica, e seus tios e tias foram freiras e padres. Seu pai o agredia cotidianamente por não aceitá-lo, e seus familiares reprimiam sua personalidade, trejeitos e comportamento, até que com onze anos de idade ele sofreu violência sexual por parte de um tio. Depois desse episódio, a família o levou para acompanhamento psicológico buscando “curá-lo” de sua identidade e do seu desejo por mulheres.

Em sua juventude, passou a frequentar boates e espaços LGBTs, onde pôde experimentar mais livremente sua identidade, porém a família continuou tolhendo sua



vida ao longo do tempo, aprisionando suas escolhas e suas identificações. Também nessa época, Edu decidiu que queria ter um filho. Para isso, pediu que um amigo o ajudasse a gestar a criança em seu útero, e fosse viver com ele num casamento fictício, sob a condição de que tudo seria uma história inventada para convencer aos outros, mas que nada mudaria na relação de amizade entre eles. Foi o que aconteceu. Ele e o amigo casaram no cartório legalmente, e também fizeram uma cerimônia religiosa na igreja evangélica que frequentavam. Passaram anos vivendo como casal da porta de casa para fora, mas como amigos da porta para dentro, na tentativa de engravidar e gestar uma criança. Porém, descobriram através de exames que o amigo possuía espermatozoides sem capacidade reprodutiva, e desse modo, a fecundação seria inviável. Depois disso, já cansado de se submeter a relações sexuais que o enojava, Edu decidiu “se separar” do amigo, e eles deram fim ao casamento inventado.

Com o fim do “relacionamento”, Edu buscou apoio na igreja evangélica que frequentava para reorganizar sua vida. Lá, conheceu uma mulher lésbica e tiveram um breve caso escondido, coisa de uma noite. Porém, o caso foi descoberto pela igreja, e a mulher expôs e culpou Edu, como se apenas ele fosse responsável pelo acontecido. Nessa situação, os dois pastores-líderes da Igreja armaram uma emboscada para ele, e o fizeram viver sua segunda violência sexual. Depois disso, os dois fugiram para outro estado e não foram punidos pelo crime nem pela justiça, nem pela igreja.

Edu engravidou, em decorrência da segunda violência sexual, e decidiu manter a gestação e dar luz a criança. Teve complicações no parto, mas no final tudo ocorreu bem. Seu amigo (do casamento inventado) registrou a menina como filha e assumiu a paternidade também. Nesse período, Edu voltou a morar com seus pais e decidiu reorganizar sua vida. Ele conta que durante todo esse tempo sentiu-se angustiado e triste, mas não sabia dar nome a seu sofrimento. Ele não se encontrava no mundo, não conseguia se definir, se identificar... Sentia como se não soubesse quem ele era, o que desejava, quem ele queria ser. Sentia-se constantemente perdido, como se sua vida fosse uma verdadeira bagunça. Tudo isso o fez tentar o suicídio, como se tirar a própria vida fosse a única saída para sanar sua dor.

Retornando à casa dos pais, ele começou a trabalhar numa pequena churrascaria que o amigo do seu pai abrira. A família começou a forjar uma relação entre Edu e esse homem amigo do seu pai. “Minha mãe não se importava pra quem ela tava me jogando não, ela queria me ver com um homem”, ele conta. Então, ele tentou estabelecer com esse homem a mesma relação que estabeleceu com seu amigo, de que eles viveriam uma



relação de fachada. Eles foram morar juntos, e Edu passou a ter uma vida dupla. Ele começou a dar desculpas para encontrar uma namorada e ficar com ela. Só que o homem descobriu, e fez da vida dele um inferno. Passou a agredir, humilhar, ameaçar a filha, a família... Em um dos episódios de agressão, Edu chamou a polícia. Nessa época, a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) ainda não era tão forte e conhecida, então a polícia chegou até o local, mas não solucionou e nem deu prosseguimento com a denúncia.

Nessa época, Edu conheceu sua atual companheira no ônibus em que ele trabalhava, ela como passageira e ele como trocador. Eles se apaixonaram e decidiram fugir para viver juntos. Porém, mesmo feliz com a relação conjugal, Edu ainda não se sentia completo, pois ele não se via como lésbica, embora já frequentasse partidos políticos e organizações sociais que defendem e discutem essas questões. Até que em 2019, ano passado, ele estava num evento da militância e conheceu um colega homem trans. Foi aí que ele viveu a catarse de descobrir a si mesmo como homem, e de, enfim, dar nome a angústia que o perseguiu a vida inteira e ele não sabia nomear.

Ele conta que cortar o cabelo bem curto foi sua primeira grande conquista na busca de ser quem ele é. Diz que esse momento foi triunfante para ele, pois sentiu alívio e felicidade. Sua esposa estava no salão o acompanhando nesse momento, e ele diz que a viu chorar pelo reflexo do espelho, pois ela gostava de seu antigo cabelo loiro e comprido. Penso que o motivo real de seu choro foi por que ela viu, de forma materializada, que Edu estava se tornando outra pessoa, ou seja, que ele estava se tornando o homem que ele é.

No espaço de quase um ano, Edu retificou seu nome, iniciou sua hormonização com testosterona, e está sendo acompanhado por profissionais da saúde regularmente. Também se inseriu no movimento de homens trans do Ceará, a ATRANSCE, e vem contribuindo e fortalecendo todos os dias as nossas bandeiras de luta.

Ele conta que o Thammy Miranda foi sua primeira referência de homem trans, e que o colega de partido foi o segundo homem trans que ele conheceu na vida. E isso me fez refletir a urgência da nossa visibilidade social, pois fiquei imaginando quantos transmasculinos e homens trans vivem angustiados por não se reconhecerem em uma identidade social. Ainda vivemos em uma profunda desinformação e falta de espaço público para falar das nossas existências, das nossas vidas, das nossas práticas. Felizmente, Edu se encontrou e deu fim a sua angústia. Sua felicidade transborda e é bonito de ver toda a sua força de vontade. Certamente seu caminho não foi fácil, e



muitas vezes ele pensou em desistir, mas ele conseguiu “chegar lá”. Temos urgência de dizer a outras pessoas trans que elas podem chegar lá também. Que dias melhores são possíveis, que podemos encontrar pessoas que nos amem como nós somos, e que mais importante do que isso, é que nós podemos encontrar nosso amor próprio.

Agradeço a oportunidade de entrevistar o Edu, e nós dois esperamos que sua história contribua como fonte de inspiração na jornada de outras pessoas trans.